

Domingo XXX do Tempo Comum-Ano C – 26 outubro 2025



O fariseu e o publicano – Lucas 18, 9-14

Viver a Palavra

Jesus continua a Sua longa viagem até Jerusalém, fazendo de cada encontro uma oportunidade para anunciar a novidade do Evangelho que é Ele próprio e para comunicar este jeito novo de ser discípulo que se traduz num modo novo de ser e de estar, porque é um modo novo de servir e amar. Seguir Jesus Cristo significa colocar-se com Ele a caminho, assumindo um novo modo de se relacionar com Deus e com os outros.

Cada batizado é chamado a viver o mandamento novo do amor, num amor absolutamente centrado em Deus e universalmente alargado aos irmãos, afinando o Seu coração com o Coração de Jesus, para que a Sua vida faça ecoar no tempo e na história a mais bela melodia do amor e da ternura.

«*Estar sempre com Jesus, este é o meu programa de Vida*», assim afirmava o jovem S. Carlo Acutis que assumindo desde tenra idade o desejo de seguir Jesus, depressa percebeu que tudo isso só é possível numa vida de intimidade e relação com Deus através da oração.

A Liturgia da Palavra deste Domingo convida-nos a pensar no modo como rezamos e no modo como nos situamos diante de Deus e dos irmãos: «*Jesus disse a seguinte parábola para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros*». Jesus conta esta parábola para mim e para ti, para que sejamos capazes de nos libertar do egoísmo e da arrogância que tantas vezes nos habitam e que necessariamente influenciam a nossa relação com Deus e com os irmãos.

A verdadeira oração cristã é chamada a ser lugar de verdade e de autenticidade. Efetivamente, diante de Deus não pode ser de outra forma, pois estamos diante Daquele que tudo sabe, que conhece bem a nossa vida e que, não obstante tudo isto, nos ama e nos acolhe para nos apontar o caminho da verdadeira felicidade. Quer a primeira leitura quer o Evangelho afirmam com toda a clareza que a Deus agrada a oração do pobre e do humilde, daquele que se reconhece pecador e não teme apresentar os seus fracassos e fragilidades, para que o bom Deus tomando tudo em Suas mãos nos possa moldar pela força transformadora da Sua ternura e da Sua misericórdia.

«*Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano*». Estes dois homens dirigem-se para o mesmo lugar e levam consigo o mesmo objetivo: orar. Contudo, como é diferente a atitude e a postura de cada um: «*o fariseu, de pé*» e «*o publicano ficou à distância e nem sequer se atrevia a erguer os olhos ao Céu; mas batia no peito*». Como é diferente o conteúdo da oração de cada um: o fariseu apresenta os seus créditos diante de Deus e a fatura de tudo quanto tem feito, por seu lado, o publicano de coração arrependido apresenta os seus fracassos e fragilidades e invoca a compaixão de Deus.

Na nossa oração, tal como na oração do fariseu e do publicano, revela-se a nossa imagem de Deus, de nós próprios e dos outros. Por isso, parafraseando um provérbio popular, poderíamos dizer: «*diz-me como rezas e dir-te-ei quem és*».

A nossa vida orante deve ser o lugar da verdade daquilo que nós somos e daquilo que o Senhor nos chama a ser. Diante de Deus, somos todos mendigos e pecadores, mas reconhecemos como afirmava Pascal que «*a grandeza do homem está na consciência da própria miséria*». A nossa fragilidade e pecado não são um obstáculo à nossa relação com Deus, mas o lugar oportuno onde Deus manifesta o Seu amor e a Sua misericórdia e, assim, somos chamados a colocar-nos diante de Deus de mãos estendidas, ainda que vazias e sujas, para serem preenchidas pela graça.

Só as mãos vazias podem receber, só o coração que se libertou do egoísmo e da arrogância se pode preencher do amor e da graça e só os braços abertos podem abraçar o irmão que se cruza connosco na estrada da vida.

Batizados em Cristo, façamos da nossa vida um lugar de intimidade e encontro verdadeiro com Deus para que nos saibamos situar de um modo novo diante dos irmãos. Assim a nossa oração deixará de ser um momento isolado, para se tornar o compasso que marca o ritmo da nossa existência. *in Voz Portucalense*.

+++++

O mês de outubro é um mês dedicado às missões. Deste modo, este mês constitui-se como uma oportunidade para refletir na dimensão missionária da Igreja que faz parte da sua identidade enquanto anunciadora do mistério redentor de Jesus Cristo, o Enviado do Pai. Para este ano o Santo Padre escreveu uma mensagem intitulada «*Missionários de esperança entre os povos*». Cada comunidade cristã é convidada a encontrar momentos de oração, reflexão e partilha sobre esta dimensão tão importante da vida cristã. São vários os subsídios já publicados, de modo particular, o *Guião Missionário 2025/2026* das Obras Missionárias Pontifícias (<https://www.opf.pt/guiao-missionario/>). Para além das celebrações e orações para os diversos tempos do calendário litúrgico, este ano, também conta com diversas reflexões entre as quais uma reflexão da Palavra de Deus para cada Domingo e Festas do Ano Litúrgico

+++++

Continuamos no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Ben Sirá 35,15b-17.20-22a

O Senhor é um juiz
que não faz aceção de pessoas.
Não favorece ninguém em prejuízo do pobre
e atende a prece do oprimido.
Não despreza a súplica do órfão
nem os gemidos da viúva.
Quem adora a Deus será bem acolhido
e a sua prece sobe até às nuvens.
A oração do humilde atravessa as nuvens
e não descansa enquanto não chega ao seu destino.
Não desiste, até que o Altíssimo o atenda,
para estabelecer o direito dos justos e fazer justiça.

CONTEXTO

O Livro de Ben Sirá (chamado, na sua versão grega, “Eclesiástico”) é um livro de carácter sapiencial que, como todos os livros sapienciais, tem por objetivo deixar aos aspirantes a “sábios” indicações práticas sobre a arte de bem viver e de ser feliz. O seu autor terá sido um tal Jesus Ben Sirá, um “sábio” israelita que viveu na primeira metade do séc. II a.C. (cf. Sir 51,30).

A época de Jesus Ben Sirá é uma época conturbada para o Povo de Deus. Quando Alexandre da Macedónia morreu, em 323 a.C., o seu império foi dividido por duas famílias: os Ptolomeus e os Selêucidas. Inicialmente, a Palestina ficou nas mãos dos Ptolomeus; e, nos anos de domínio Ptolomeu, o Povo de Deus pôde, em geral, viver na fidelidade à sua fé e aos seus valores ancestrais. Em 198 a.C., contudo, depois da batalha de Pânias, a Palestina passou para o domínio dos Selêucidas (uma família descendente de Seleuco Nicanor, general de Alexandre). Os Selêucidas, sobretudo com Antíoco IV Epífanes, procuraram impor, por vezes pela força, a cultura helénica. Nesse contexto muitos judeus, seduzidos pelo brilho da cultura grega, abandonavam os valores tradicionais e a fé dos pais e assumiam comportamentos mais consentâneos com a “modernidade” e com a pressão exercida pelas autoridades selêucidas. A identidade cultural e religiosa do Povo de Deus corria, assim, sérios riscos... Jesus Ben Sirá, um “sábio” judeu apegado às tradições dos seus antepassados, entendeu desenvolver uma reflexão que ajudasse os seus concidadãos a manterem-se fiéis aos valores tradicionais. No

livro que escreveu para esse efeito, Jesus Ben Sira apresenta uma síntese da religião tradicional e da “sabedoria” de Israel e procura demonstrar que é no respeito pela sua fé, pelos seus valores, pela sua identidade que os judeus podem descobrir o caminho seguro para serem um povo livre e feliz.

O texto que nos é oferecido neste domingo como primeira leitura integra um conjunto de sentenças do sábio Ben Sirá sobre a justiça de Deus (cf. Sir 35,11-24). *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Numa sociedade de direito, a justiça é um princípio fundamental que orienta a organização e o funcionamento do sistema legal e social. Ela envolve a aplicação equitativa de leis, a garantia dos direitos individuais e coletivos, a busca pela igualdade e equidade entre todos os cidadãos. É esta a experiência que temos? Na prática, todos os membros da sociedade – independentemente do seu estatuto social, da sua formação intelectual, do seu poder económico, da sua raça, ideologia ou religião – têm acesso à justiça e são tratados de forma igual por aqueles que têm como missão aplicar as leis e fazer justiça? Na sociedade israelita do séc. II a.C., os pobres queixavam-se frequentemente de discriminação na aplicação da justiça, da corrupção dos juízes, do desprezo pelos direitos dos que não tinham poder social. E Deus? Como é que Deus exerce a justiça? Também se deixará corromper? Também negligenciará os direitos dos mais pobres e frágeis? Deixar-se-á “comprar” pelos ricos que pagam um culto esplendoroso e caro? Jesus ben Sira, um sábio do séc. II a.C., diz: “Não. Deus exerce a sua justiça sem fazer acepção de pessoas. No exercício da sua justiça, Ele não discrimina o pobre em benefício do rico. Pelo contrário, Deus tem sempre diante de si o sofrimento dos mais frágeis, daqueles que muitas vezes não encontram justiça nos tribunais humanos. Deus faz-lhes justiça, sem qualquer dúvida”. Aqueles que no nosso mundo por vezes “torcem” a justiça para defender os seus próprios interesses, estão conscientes da “posição” de Deus? A atitude de Deus não nos responsabilizará na construção de uma sociedade onde os pobres que gritam por justiça não sejam ignorados nem discriminados? Esforçamo-nos por construir uma sociedade justa, onde todos – especialmente os pobres, os que não têm voz nem vez – vejam os seus direitos respeitados e protegidos?
- Embora isso não seja claramente afirmado neste texto, é doutrina corrente na Bíblia que Deus tem um fraco pelos mais desprezados e humildes, por aqueles que não são admitidos à mesa dos poderosos, por aqueles que são deixados abandonados nas periferias da vida e da história. Mais do que “discriminação positiva”, a atitude de Deus é a atitude de amor de um pai ou de uma mãe que tem um cuidado especial pelos seus filhos mais necessitados de cuidado. A especial ternura que Deus sente pelos seus filhos mais frágeis insere-se na definição daquilo a que chamamos “a justiça de Deus”. Ora, nós somos chamados a dar testemunho do amor de Deus no meio dos nossos irmãos. Aqueles que são marginalizados e abandonados, aqueles que ninguém quer, aqueles que a sociedade ignora e despreza, aqueles que não têm direitos ou, tendo-os, nem sabem reivindicá-los, encontram, através da nossa solidariedade, do nosso cuidado, da nossa solicitude, o rosto misericordioso e bondoso do Deus que os ama infinitamente?
- Jesus Ben Sira garante-nos que “a oração do humilde atravessa as nuvens” e chega a Deus. Porquê? Porque Deus está especialmente atento ao pobre, ao desvalido, aos que o mundo despreza? Sem dúvida. Deus está sempre atento às súplicas dos seus filhos mais frágeis. Mas é provável que Ben Sira esteja a insinuar outra coisa: que a oração do humilde “toca” o coração de Deus e agrada a Deus; e que a oração do rico não “toca” o coração de Deus e não agrada a Deus. Expliquemos isto... O pobre apresenta-se diante de Deus com humildade e simplicidade e coloca-se confiante nas mãos de Deus; sente-se pequeno, frágil indigno, e vê em Deus aquele que o pode salvar; com gratidão, entrega toda a sua vida nas mãos de Deus e confia no Seu amor; a sua atitude e a sua oração agradam a Deus. O rico, pelo contrário, apresenta-se diante de Deus seguro da sua importância, do seu estatuto, do seu poder; petulante e autossuficiente, sente-se mais como um “parceiro” de Deus, do que um “filho” que tudo deve ao amor de Deus; a sua atitude e a sua oração não agradam a Deus. E nós, como é que nos apresentamos diante de Deus? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 33 (34)

Refrão 1: O pobre clamou e o Senhor ouviu a sua voz.

Refrão 2: O Senhor ouviu o clamor do pobre.

A toda a hora bendirei o Senhor,
o seu louvor estará sempre na minha boca.
A minha alma gloria-se no Senhor:
escutem e alegrem-se os humildes.

A face do Senhor volta-se contra os que fazem o mal,
para apagar da terra a sua memória.
Os justos clamaram e o Senhor os ouviu,
livrou-os de todas as angústias.

O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado
e salva os de ânimo abatido.
O Senhor defende a vida dos seus servos,
não serão castigados os que n'Ele confiam.

LEITURA II – 2 Timóteo 4,6-8.16-18

Caríssimo:

**Eu já estou oferecido em libação
e o tempo da minha partida está iminente.**

**Combati o bom combate,
terminei a minha carreira,
guardei a fé.**

**E agora já me está preparada a coroa da justiça,
que o Senhor, justo juiz, me há de dar naquele dia;
e não só a mim, mas a todos aqueles
que tiverem esperado com amor a sua vinda.**

**Na minha primeira defesa, ninguém esteve a meu lado:
todos me abandonaram.**

Queira Deus que esta falta não lhes seja imputada.

**O Senhor esteve a meu lado e deu-me força,
para que, por meu intermédio,
a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada
e todas as nações a ouvissem;
e eu fui libertado da boca do leão.**

**O Senhor me livrará de todo o mal
e me dará a salvação no seu reino celeste.**

Glória a Ele pelos séculos dos séculos. Amen.

CONTEXTO

Timóteo era natural de Listra, uma cidade da região da Licaónia, na Ásia Menor (atual Turquia). O pai de Timóteo era grego e a mãe, de nome Eunice, era judeo-cristã. A avó de Timóteo, chamada Loide, também teve influência na sua educação cristã (cf. At 16,1-3; 2 Tm 1,5).

Foi ao passar por Listra durante a sua segunda viagem missionária (anos 50-52) que o apóstolo Paulo encontrou Timóteo. Mandou-o circuncidar “por causa dos judeus existentes naquela região”, e levou-o consigo para o serviço do Evangelho. Pouco depois Timóteo aparecerá junto de Paulo na Bereia, em Atenas (cf. At 17,14-15), em Corinto (cf. At 18,5) e em Éfeso (cf. At 19,22). Paulo confiava totalmente em Timóteo e encarregou-o de missões delicadas junto de comunidades cristãs que se defrontavam com problemas (cf. 1 Ts 3,2.6; 1 Cor 4,17; 16,10-11). Na sua primeira Carta aos Tessalonicenses, Paulo referir-se-á a Timóteo como “nosso irmão e colaborador de Deus no Evangelho de Cristo” (1 Ts 3,2). A tradição cristã apresenta Timóteo como o primeiro bispo de Éfeso.

Embora encontremos na segunda Carta a Timóteo bastantes pormenores pessoais sobre Paulo, a maior parte dos estudiosos duvida que ela tenha origem no apóstolo. Antes de mais, porque a linguagem e a teologia parecem significativamente distantes de outras cartas reconhecidamente paulinas. Mas, mais do que isso, a carta refere-se a um modelo de organização eclesial que parece claramente posterior à época de Paulo (Paulo teria sido martirizado em Roma por volta do ano 66/67, durante a perseguição de Nero). A grande preocupação que transparece nas duas Cartas a Timóteo já não é a difusão do Evangelho (que era a problemática que estava em cima da mesa na época paulina), mas sim a organização e a conservação do “depósito da fé”. A temática tratada nas cartas a Timóteo incide fundamentalmente sobre a organização da comunidade, a necessidade de combater as heresias nascentes, o incremento da vida cristã dos fiéis. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Paulo de Tarso marcou de forma decisiva a história do cristianismo pela sua visão larga do projeto de Deus e pela forma como abriu ao Evangelho as portas do mundo greco-romano. Mas, para além disso, deixou aos cristãos de todas as épocas um impressionante testemunho pessoal de compromisso total com Jesus e com o Evangelho. O seu encontro com Jesus no caminho de

Damasco marcou a sua vida de uma forma tão decisiva que ele dizia: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Passou a viver para Cristo, apenas para Cristo. A sua paixão por Cristo levou-o a dar testemunho do Evangelho em todo o mundo antigo, sem vacilar perante as dificuldades, os perigos, o cansaço, a contestação, a tortura, a prisão e até mesmo a morte. Nós, cristãos, encontramos-nos frequentemente com Jesus no caminho da nossa vida: escutamos a sua Palavra, conversamos com Ele, sentamo-nos com Ele à mesa e comemos do Pão que Ele oferece, dizemos que somos seus discípulos e que estamos em comunhão com Ele... O nosso compromisso com Cristo é tão profundo e tão decisivo como o de Paulo? Cristo é para nós – como foi para Paulo – a referência decisiva à volta da qual se constrói a nossa existência?

- Paulo experimentou, no seu caminho de testemunho missionário, o abandono, a solidão, a traição, a incompreensão de muita gente, inclusive de alguns irmãos na fé. Por outro lado, sentiu sempre que o Senhor estava com ele, o animava e lhe dava forças para que “a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada e todos os pagãos a ouvissem”. A experiência de Paulo é, afinal, a experiência de todos os “profetas” que Deus envia ao mundo para serem arautos da sua salvação no meio dos homens: de um lado está o ódio do mundo, que desgasta e traz desânimo; do outro está a solicitude de Deus que conforta, sustenta, defende, anima e renova as forças dos seus enviados. É esta também a nossa experiência? A certeza da presença de Deus ao nosso lado dá-nos a força necessária para cumprirmos fielmente a missão que nos foi confiada?
- Quase a chegar ao fim da sua vida, Paulo avalia desta forma a maneira como viveu: “combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé”. Pelo que sabemos da vida de Paulo, esta avaliação é honesta e verdadeira. É muito bom chegar ao fim da vida e concluir que a vida valeu a pena e que se deixou uma marca positiva no mundo e na vida dos outros homens e mulheres. Se tivéssemos, neste preciso instante, de avaliar o sentido da nossa vida, o que diríamos? A nossa vida tem feito sentido? Há alguma coisa que possamos mudar ou acrescentar para sentirmos que a nossa vida está a valer a pena? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 18,9-14

Naquele tempo,

Jesus disse a seguinte parábola

para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros:

«Dois homens subiram ao templo para orar;

um era fariseu e o outro publicano.

O fariseu, de pé, orava assim:

‘Meu Deus, dou-Vos graças

por não ser como os outros homens,

que são ladrões, injustos e adúlteros,

nem como este publicano.

Jejuo duas vezes por semana

e pago o dízimo de todos os meus rendimentos’.

O publicano ficou a distância

e nem sequer se atrevia a erguer os olhos ao Céu;

Mas batia no peito e dizia:

‘Meu Deus, tende compaixão de mim,

que sou pecador’.

Eu vos digo que este desceu justificado para sua casa

e o outro não.

Porque todo aquele que se exalta será humilhado

e quem se humilha será exaltado».

CONTEXTO

Jesus e os seus discípulos estão a caminho de Jerusalém. Aproxima-se a hora em que Jesus, rejeitado e condenado pelas autoridades judaicas, vai ser crucificado. Depois, os discípulos ficarão sós no mundo e terão como missão dar testemunho do Reino de Deus. Jesus aproveita o caminho para preparar os discípulos para a missão que os espera.

A certa altura, Jesus quis propor aos discípulos uma lição sobre orgulho e arrogância. Nesse sentido, contou-lhes uma parábola onde entram um fariseu e um publicano. No dizer de Lucas, a parábola tem como alvos aqueles “que se consideravam justos e desprezavam os outros” (vers. 9). Esta parábola só aparece no Evangelho de Lucas.

Os “fariseus” eram um grupo leigo (em oposição aos saduceus, o partido sacerdotal), com bastante influência entre o povo. O historiador Flávio Josefo diz que, no tempo de Herodes, os fariseus eram cerca de

6.000. Descendentes daqueles “piedosos” (“hassidim”) que apoiaram o heroico Matatias na luta contra Antíoco IV Epífanes e a helenização forçada (cf. 1 Mac 2,42), os fariseus eram os defensores intransigentes da Lei, quer a Lei escrita, quer a Lei oral (a Lei oral constava de uma coleção de leis não escritas, mas que os mestres da escola farisaica tinham deduzido a partir da “Tora” escrita). Mantinham uma estreita ligação com os “escribas”, os mestres e intérpretes da Lei. Esforçavam-se por cumprir escrupulosamente a Lei e procuravam ensiná-la ao Povo. Acreditavam que, quando todos cumprissem a Lei, o Messias chegaria para trazer a libertação a Israel. Convencidos da sua superioridade religiosa e moral, tratavam com desprezo o “povo da terra” (“am ha-aretz”), os ignorantes que não conheciam a Lei nem se importavam com o cumprimento dos preceitos que a Lei impunha. A sua insistência no cumprimento integral da Lei contribuía para criar no povo simples uma sensação latente de pecado e de indignidade que oprimia as consciências e fazia o crente sentir-se longe de Deus. Estavam genuinamente interessados na santificação do Povo de Deus; mas, absolutizando a Lei, acabavam por colocar em segundo plano o amor e a misericórdia.

Os “publicanos” (“publicanus”) eram agentes comerciais privados que executavam a recolha dos impostos. Considerados servidores do governo imperial romano, eram desprezados pelos seus concidadãos. O publicano recebia do governo, por uma soma fixa anual (determinada a partir de uma estimativa das rendas), o direito de recolher os impostos. A soma fixada e que o publicano devia entregar era inferior à entrada prevista. O publicano retinha para si um eventual excedente. Este sistema favorecia os abusos destes funcionários, que procuravam faturar o mais possível a fim de garantir ganhos convenientes para eles próprios. Por isso, eram vistos pelo povo como ladrões e exploradores dos seus concidadãos. De acordo com a Mishna, estavam afetados permanentemente de impureza e não podiam sequer fazer penitência, pois eram incapazes de conhecer todos aqueles a quem tinham defraudado e a quem deviam uma reparação. Se um publicano, antes de aceitar o cargo, fazia parte de uma comunidade farisaica, era imediatamente expulso dela e não podia ser reabilitado, a não ser depois de abandonar esse cargo. Quem exercia tal ofício, estava privado de certos direitos cívicos, políticos e religiosos; por exemplo, não podia ser juiz nem prestar testemunho em tribunal, sendo equiparado ao escravo *In Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- A parábola do fariseu e do publicano não é sobre viver bem ou viver mal, realizar boas obras ou realizar más obras, ter comportamentos corretos ou ter comportamentos incorretos em relação à Lei religiosa ou civil; mas é sobre a atitude do homem – de qualquer homem, independentemente das suas ações – face a Deus. Um dos protagonistas – aquele que pertence ao partido dos fariseus – apresenta-se diante de Deus cheio de si próprio, seguro dos seus méritos, plenamente satisfeito com aquilo que é. A sua atitude diante de Deus é de orgulho e de autossuficiência: ele não precisa dos favores de Deus, pois tem feito tudo aquilo que lhe compete fazer e ainda mais... O outro – o cobrador de impostos – sente-se indigno e pecador, pois sabe que a sua vida está marcada pela ganância e pelas inúmeras injustiças que cometeu contra os seus irmãos. Está consciente de que só a misericórdia de Deus o poderá resgatar de uma vida suja e maldita. Reconhece a sua fraqueza e coloca-se humildemente nas mãos de Deus. Jesus, ao contar esta parábola, deixa claro qual é a atitude que o verdadeiro crente deve assumir diante de Deus. Independentemente das nossas boas ou más ações, com qual destes homens nos identificamos? Quando nos apresentamos diante de Deus e Lhe falamos da nossa vida, o que Lhe dizemos? Sentimos que a balança que contém os nossos méritos e os nossos débitos está claramente inclinada a nosso favor? Ousamos lembrar a Deus o nosso “comportamento exemplar” (que nem sempre é assim tão exemplar) e ficamos à espera que Ele nos pague convenientemente?
- A parábola do fariseu e do publicano serve também para nos questionarmos sobre a imagem que temos de Deus. Garante-nos que Deus não é a um contabilista eficiente e rigoroso, com o coração cheio de números exatos, empenhado em elaborar uma tabela minuciosa do “deve” e do “haver” de cada um dos seus filhos para Lhes atribuir os castigos e as recompensas a que têm direito; mas é um pai cheio de bondade e de misericórdia, sempre disposto a derramar sobre os seus queridos filhos, como puro dom, um veredito de amor, de salvação e de graça. A única condição que Deus põe para que sejamos “justificados” (como aquele publicano que foi rezar ao templo de Jerusalém) é que nos entreguemos humildemente nas suas mãos e que aceitemos a oferta de salvação que Ele faz. O Deus que nos habita é esse Pai cheio de bondade e de amor que quer salvar-nos sempre, mesmo quando o não merecemos? É esse o Deus que testemunhamos no meio dos nossos irmãos?
- A certeza de possuir qualidades e méritos em abundância pode conduzir ao orgulho. Do orgulho nasce a arrogância e o desprezo por aqueles que não são como nós. Ora, isto é perigoso. Enrincheirados atrás da nossa importância e da nossa pretensa autoridade moral, julgamo-nos melhores do que os outros; e sentimo-nos no direito de avaliar, de criticar, de julgar e de condenar aqueles que nos rodeiam. O passo seguinte é erguermos muros de separação: do nosso lado colocamos os “bons” (aqueles com os quais nos identificamos, os que têm uma visão do mundo e

da vida semelhante à nossa) e no lado oposto colocamos os “pecadores” (aqueles com os quais não nos identificamos, os que têm visões “diferentes”, os que têm comportamentos que reprovamos). Onde é que isto nos conduz? Não servirá para criar exclusão e marginalização? Ajudará a potenciar a fraternidade, a inclusão, a comunhão? Temos o direito de nos considerarmos melhores do que um agnóstico, ou do que um ateu? Poderemos continuar, de forma ligeira, a alimentar a nossa ilusão de inocência, a condenar os outros à luz dos nossos critérios, e a esquecer a compaixão de Deus por todos os seus filhos?

- O fariseu da parábola foi conversar com Deus, mas não estava convencido de precisar de Deus. Ele não foi ao encontro de Deus para receber e abraçar os dons de Deus, mas para se gabar das suas brilhantes escolhas e concretizações. Não precisava da salvação que Deus oferecia, porque ele tinha conquistado essa salvação à força do seu bom comportamento. A doença da autossuficiência – que era a doença da qual este fariseu padecia – é uma doença que ainda hoje deixa muitas feridas nos homens. Nos últimos séculos os homens desenvolveram, a par de uma consciência muito profunda da sua dignidade, uma consciência muito viva das suas capacidades e possibilidades. Isto, em si, nada tem de mal; mas, no limite, conduziu à presunção da autossuficiência do homem, da sua autonomia total em relação a Deus. Os desenvolvimentos da tecnologia, da medicina, da química, dos sistemas políticos e ideológicos, convenceram o homem de que podia prescindir de Deus pois, por si só, podia ser feliz. Onde nos tem conduzido esta presunção? Podemos chegar à salvação, à felicidade plena, apenas pelos nossos próprios meios? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** é constituída por um conjunto de sentenças sapienciais e, por isso, a sua proclamação deve ser preparada de modo que as diversas frases, respeitando as pausas e respirações, não apareçam como afirmações isoladas, mas encadeadas e articuladas entre si.

Na **segunda leitura**, deve ter-se em atenção as frases mais longas e sobretudo aquelas divididas com o sinal de pontuação ponto e vírgula, para que se possam fazer as pausas adequadas e a proclamação expresse toda a força do texto que S. Paulo apresenta.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)